Carta ao Bispo do Porto

por GOMES LEAL

O JESUITA
E
O MESTRE ESCOLA

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | 35, R. Ivens 37
1901

1.134.3-1 Leal, Gome
EA

7

CARTA AO BISPO DO PORTO

GOMES LEAL

CARTA AO BISPO DO PORTO

O JESUITA E O MESTRE ESCÓLA

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | 35, R. Ivens, 37
1901

I

Bispo, para onde vaes?...

I

Bispo, tu prohibiste, eivádo de ira céga,
um padre bom prégar,
n'estes tempos fataes em que o jesuita préga
a cruz no lupanar.

II

Bispo, em vez de Jesus, acompanhas com Júdas,
que deu sobre o Messias
esse beijo traidor que com fráses sisúdas
tu dás todos os dias.

UNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 60075
Barcelíana

Legado
Alvaro Arezes L. Martins

III

Bispo, para onde váes?—Tu váes pela azinhága
das perfidias e os roubos
que Roma apostolisa e onde por noute aziága
soltam uivos os lobos.

IV

Bispo, para onde váes?—Tu váes para o antro fundo
que léva a Torquemáda,
onde Veuillot diz missa e D Miguel segundo
já quér a forca alçada.

V

Bispo, para onde váes?—Tu váes por esse atálho
de fogueiras e archótes,
aonde Carlos Nono um dia abriu o tálho
de carne de huguenótes.

VI

Para onde é que váes tu?—Tu váes por essa rua
do convento e o mantéo
aonde, certa noute, a Rigolbóche núa
dizem que tomou véo.

VII

Pastor, para onde váes guardar esse rebanho
que o Christo te confia?...
Tu leval-o pr'a o lobo e deitas-lhe o gadanho
para a faca e a tosquía.

VIII

Para onde é que o váes pastorear, ao cabo
d'essa má ribanceira?...
Tu trilhas um caminho onde léva o Diabo
ás costas uma freira.

IX

Bispo, o Templo tornou-se em casa de alcaiotes,
de onzenas e labéo,
aonde Santo Ignacio arrebanha *cocottes*
que offerta ao *Páe do Céo*.

X

Bispo, o Templo tornou-se em casa de loureiras,
com a cruz lógo ao entrar,
onde Satan digére as suas borracheiras
de ventre sobre o altar.

XI

Bispo, o Templo tornou-se em banca de agiótas,
em triclinio e bordél,
onde já falta só descalçarem as botas
a taberna e o quartel.

XII

Bispo, o Templo volveu-se em lupanar catita,
que Lucifer dispôz
de molde a não faltar á fidalga bonita
sachets nem pó de arroz.

XIII

E comtudo prohibiste um padre de recáto,
de sãs e honradas vistas,
que prégasse aos fieis o verbo intemeráto
dos quatro Evangelistas.

XIV

Prohibiste-o de prégar o verbo que consola,
de suavidade infinda,
do tempo em que S. Pedro, errante e sem sacóla,
não deitára berlinda.

XV

Prohibiste-o de clamar as verdades antigas
que salvam dos recífes,
do tempo em que S. Pedro ia trincando espigas,
porque não tinha bifes.

XVI

Prohibiste-o de prégar as verdades amáras,
mas tambem calmas, mansas,
do tempo em que Jesus ia por entre as seáras,
affagando as creanças.

XVII

Prohibiste-o de dizer as verdades singellas
do homem da Gallilea,
do tempo em que S. Pedro, errante e sem chinellas,
deitava-se sem ceia.

XVIII

Prohibiste-o de emittir essas frases tranquillas,
clara agua do bem...
que fasiam de pranto orvalhar as pupillas
das mulher's de Salem.

XIX

Prohibiste-o de falar, com a uncção sobrehumana,
que as almas fez sonhar
da loura Magdalena e a inf'liz Samaritana,
no pôço de Sicar.

XX

Prohibiste-o de dizer as verdades suaves,
que a alma baixo susurra,
do tempo em que S. Pedro inda não tinha as chaves
nem do Céo—nem da *burra*.

XXI

Bispo, para onde váes?—Váes para o Retrocesso
que estampa um vil ferrête,
e onde D. Miguel faz espéra ao Progresso,
de jaléca e cacete.

II

Liberdade de Consciencia

Bispo, para onde váes?—O mundo te observa.
Tens de um lado o paiz, e do outro a caterva
livida, abjecta, hostil, do cacete e a Rotina,
antipathica ao mundo—*escumalha e vermina*—
escória de burlões, d'esses que para exemplo
Christo com azorrague escorraçou do Templo,
e os quaes comparou do sarcasmo no cúmulo,
segundo o Evangelista, ás prosápias do tumulo,
—por fóra, branco marmore e esculpturaes caprichos,
—por dentro, podridão, ossos da morte, e bichos.

Ha dous caminhos só n'este ágro que trilhaes:
o récto e o dos burlões.—Bispo, para onde váes?...

Nada de convenções.—Falemos claro e alto.
Quem traz, na hora actual, a Europa em sobresalto
é Loyola que rosna e Orleans que assobia,
é Miguel dando o braço a D. Sachristia.

Os corpos immortaes, brancos, e deleitaveis
das róseas cortezãs de tranças admiraveis
que nos tempos de Néro ou de Alexandre Sexto
cultivavam, com luxo, o assassinio e o incésto,
não mordiam a carne, ou rangiam os dentes,
nas luxurias carnaes... como estes tira-dentes.

Bispo, estes phariseos quérem, lobos com cio,
almas esfarrapar.—Mas cheiram a bafio.

E' isto que lhes dóe.—Sentem-se bolorentos!...
Quando quérem sair da sombra dos conventos
catholicos, papaes, cheios do tédio austero,
onde gemeu Thereza e soluçou Luthéro,
para as ruas com sol e com claras paiságens,
todas plenas de som, plenas de carroágens,
de clarins, de pregões, de silvos, de officinas,
trazem pegada a traça ás abas das batina...
e em meio do estridor das cidades caiádas,
cheias de pompa, luxo, escoltas, cavalgadas,
o seu postiço ar de conventual pudor
derrama na nossa alma o cheiro do bolor,
e o seu fingido olhar de Christo magro e manso
recorda uma pomáda em que já entra o ranço.

A' custa d'elles riu Rabelais de face nédia.
—Elles são os carnaes môchos da Edade Media.

Bispo, não frisarei, que isso fôra irrisorio,
o que ha de baixo, vil, soez, de farellório,
no seu charro latim, na sua moral baixa
que só tendem a um fim... ao *Ventre e ao Livro Caixa.*

Voltaire pôz-lhes farpões. Pascal deu-lhes facádas.

Nas cidades do sul iam pelas estradas
de pé descalço, aos sóes, de bordão e sacóla,
n'um fanhoso latim de refeitorio e escola,
nariz rubro, bestiaes, meio ébrios, calva ao léo,
pedindo a brôa ao aldeão... e dando em tróca o Céo.

Recolhendo ao farnel o náco do toucinho,
rezando e desflorando aldeãs pelo caminho,
iam de burgo em burgo e de hortejo em hortejo,
óra esmollando a couve, o presunto, o bom queijo,
para fartura e bem do próspero convento,
óra, alegres foliões, rubro nariz ao vento,
como faunos sensuaes occultos nas ramagens,
beijavam com despejo os deliciosos pagens,
e depois de violar quasi que o burgo inteiro,
—incluindo a castellã e a mulher do ferreiro—
a esposa do alveitar e a vaqueira da horta,
findávam a missão de andar de porta em porta,
chamando almas pr'a o Céo... ao canto de uma vinha,
com uma borracheira e entoando a ladainha.

Era esta a religião dos nossos bons avós.

Correram annos mais. — Tempos idos, apoz
como estes garanhões de nariz avinhádo
bôbos da Santa Sé, arlequins do Papádo,
que o Goya encarvoiçou... mais ruins do que os Hunos,
tombassem no máu séstro e o vicio dos gatunos,
roubalhando ao aldeão o suór do seu rosto,
o fructo do olival, da seára, do môsto,
da horta, o milharal, do quinteiro e o pomar,
o claustro encólhe a garra e entra em novo *avatar*,
estende a seca têta ás tenrinhas creanças,
— faz-se aranha e arma teia ás almas e ás heranças.

De ratos de aldeões, eis transformam-se em Vandalos.

Coméça o côro então dos protestos e escandalos
de avós, tias, de paes, de mães esguedelhadas,
chamando o regedor ou o juiz, ás argolladas,
do convento ao portal, n'uma balburdia louca,
até que assóma emfim a abbadessa de touca,
de manto, ou negro véo, de sêcas mãos em cruz,
que guincha que ali só — é o regedor Jesus.

Que horror!... Se o meigo Christo ouvisse o estendeirête
da madre, travaria outra vez do cacete,
clamando á inepta freira irrespeitosa e alvar,
que não fôra jamais chefe de um lupanar.
Tudo isto, — na nossa éra, — é uma ignobil farça
de que o jesuita é réo e o Estado comparsa.

O Estado é essencialmente um ser laico e civil.—
Nada tem com o Céo, côr de rosa ou de anil,
com a alma, o *outro mundo*, a consciencia, a fé,
com a burra de Balaão ou o asno de Mahomet.

O Estado é o zelador civil unicamente,
que deve respeitar a opinião de toda a gente,
logo que não moleste e estorve o seu visinho...
Que me impórta que o Hebreo não goste de toucinho,
que o Turco tire, ao entrar na mesquita, o chinello,
que o Parse adóre o sol ou o Bonzo um marmello?...
Se elle récto e bom fôr, avêsso a uma acção feia,
val, mais que o matulão que á esquina me esfaqueia,
ou que o chatim maráo, que apezar de ouvir missa
me envenena no queijo e me rouba a hortaliça,
pois que Turco, ou Judeo, ou natural do Bósphoro,
melhor é que o christão que me rouba no phósphoro.

Ao Estado cumpre ser laico e civil na essencia.
—Bispo! por isso eu prégo a libérrima consciencia.

III

A minha resposta aos Bispos

Rógam Vossas Eminencias
a El-Rei pelo jesuita.
Vade retró!... Que incoherencias
n'uma carta tão bonita
com água benta e sciencias!...
Cuidado, se o jesuita
vos dá no gôto, Eminencias.

Não faz bem acompanhar
Princepes, com mariollas.

Semelhais sácras viollas
dos anjos, n'um lupanar,
com freiras, *chúlos*, *manólas*...
Não faz bem acompanhar
Princepes, com mariollas.

Nos vossos anneis e mitra
ai que nódoa, ó Rev'rendissimos!
Por isso o publico alvitra
que estais tambem gafadissimos,
e contra vós recalcitra...
Ai que nódoa, ó Rev'rendissimos
nos vossos anneis e mitra!

Não quér Christo engatadeiras,
nem coios de marafonas.
Quér almas sãs, verdadeiras,
não hypocritas gaifonas
de alcovêtas e loureiras...
Não quér Christo marafonas
professas, e engatadeiras.

Não quér combórças de véo,
quér almas rectas e puras.

Ah! no seu mystico Céo
que castissimas alvuras
elle sonhou, concebeu!...
Quér almas rectas e puras,
não quér combórças de véo.

Não manda que ás creancinhas
dêem veneno em remédios,
Nem que, com mil ladainhas,
e résas que causam tedios,
moléstem as pobresinhas...
Não. — Não receita remedios
com veneno ás creancinhas!

Não quér bódes garanhões
no seu rebanho de ovelhas.
Debaixo das santas telhas
ha lobos bem gulotões,
e ha vespões entre as abelhas...
Mas elle, em suas ovelhas
não quér bódes garanhões!

Pastoreando o seu gado,
andou ás calmas e ao frio.

Não lhes deu remédio errado,
não lhes deu jejuns a fio,
nem lhes bateu com cajádo...
Andava ás calmas e ao frio
pastoreando o seu gado.

Pois quê!... Violar pequeninos
dévem acaso os pastores?...
Aquelles tenros amores
hão de achar mil assassinos,
alapardados nas flores?...
Não. Não é bom de pastores
violentar pequeninos!

Pois quê!... Dévem dos maridos
padres raptar as esposas?
Melhor seja que nas lousas
seus ossos sejam roídos
entre o lixo e o pó das cousas...
Não. Não devem esposas
laivar com lama os maridos.

Pois quê!... O lar de seus paes
dévem desertar as filhas?

Aquellas ruins matilhas
de lobos feros, carnaes,
trincarão rezes ás pilhas?...
Não. Descaroáveis filhas,
que enlaivam o lar dos paes!

Pois quê!... Irão filhas nossas
serem combórças de frades?
Antes se finem nas chóças,
á mingoa, com seriedade,
ou sejam servas nas róças...
Não. P'ra combórças de frades
não prestam as filhas nossas.

Pois quê! As santas chinellas
bordarão filhas do povo?
Essas campónias donzellas,
irão, qual verde renôvo,
ornar de um frade as capellas?...
Não. Pobres filhas do povo,
que outras bordem as chinellas!

Santos bispos, vossa carta
queime-a o Rei lá na brazeira.

Tem bernardices á farta,
attesta a vossa tonteira,
meréce um raio que a parta...
Bispos, tão lyrica carta
péde braza ou rapozeira.

IV

O JESUITA E O MESTRE ESCOLA

I

Bispo, pediste ao Rei que entregasse ao jesuita
a escóla para o Ensino.
Melhor fôra atirar a branca margarita
na esterqueira, ao suíno.

II

Melhor fôra atirar a creança a uma rocha,
ou ás agoas do açúde.
Ou metter n'um esquife — accendendo uma tocha —
um corpo com saúde

III

Melhor fôra atirar um candido junquilho
ao chão de uma taberna.
Melhor fôra que a mãe excommungasse o filho
sobre a têta materna!

IV

Melhor fôra que Deos do seu velho castello
das nuvens solitario
martellasse outro Christo, outra vez, c'um martello
maior do que o Calvario.

V

Melhor fôra que Deus quebrasse, n'um rir máo,
d'este Sol o arcabouço,
e o atirasse assim como a creança um calháo
á boca alvar de um poço.

VI

Bispo, — existe um bom padre, um padre recto que anda
pelas veredas rectas,
retirado da côrte e a intrigalha nefanda
do beaterio e as Collectas.

VII

E' o padre liberal, vigario de rir franco,
ou chão reitor de aldeia,
que faz mais que Napoleão no seu cavallo branco,
ou o Hoche na Vendea.

VIII

E' o honesto reitor do placido romance
do bom Julio Diniz,
que não ha sol que o tórre, ou canceira que o cance,
ao socorrer o inf'liz.

IX

E' o simples reitor, liberal, asisádo,
que sem latins de truz...
váe seguindo no trilho honesto e socegado
do semeador Jesus.

X

E' o obscuro reitor que conforta os humildes
n'uma labúta insana,
que não váe a saráos, não abraça Rothschilds,
e ri com *João Semana*.

XI

João Semana, ó doutor!... Eu rio, vendo em sonho,
essa figura grata,
nas ladeiras, ao sol, bifurcado e risonho
na tua égoa pacáta!

XII

Vejo-te sempre a rir, ó doutor sertanejo,
rude, singello, e nobre,
visitando a choupana e o alpestre logarejo,
e largando algum cobre!

XIII

Vejo-te sempre a andar no teu eterno chouto,
á soalheira e á chuva,
saindo de um pinhal, entrando n'algum souto,
dando esmolla á viuva!

XIV

Vejo-te ó bom doutor, palrando e a face cheia
do teu rir familiar,
ouvindo, muito attento, o Figaro da aldeia,
e abraçando o alveitar!...

XV

Bispo, mas ha um outro inda que mais respeito
que a tua rica estola.
—É o humilde e infeliz... quasi sem pão, sem leito...
o santo mestre escola.

XVI

O anafádo jesuita arrasta gordas rezes.
Tem *burra*, acções, navios.
— O mestre escola traja um fato usádo, e ás vezes
quasi amostrando os fios

XVII

O jesuita tem ricos bancos na praça,
do globo maravilha.
— O mestre escola tem cr'ôa da desgraça,
e por sceptro a *cartilha*.

XVIII

O jesuita á paisana, em saráos, traz casaca,
bota farda e usa annel.
— O mestre escola tem simples fato de alpaca,
que mal resguarda a pelle.

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

XIX

Em quanto o frade pésca heranças pr'a o convento,
rouba a filha ao banqueiro.
O mestre escola ensina o latim fastiento
aos filhos do moleiro.

XX

E em quanto o frade tem por amantes fidalgas
de historico solar,
o mestre escola ai!... sosinho come as malgas,
que é pobre... p'ra casar!

XXI

Somente, quando á tarde o sol doira os retiros
e idealisa os outeiros,
romantico, do peito arranca alguns suspiros,
passeando entre os salgueiros.

XXII

Porque em quanto o impostor gosa a carne e a materia
do vil concubináto,
ao mestre escola, ai!... vota-o a hostil Miseria
ao eterno celibato.

XXIII

Bispo! eu não corro aos chás da alta arístocracia,
fujo ao ruido e aos discursos,
e ás vezes roe-me o Tédio e essa misantropia
que róe o sabio e os ursos.

XXIV

Mas ha alguem pr'a mim que val mais que um império,
trophéos, charangas, palmas...
é esse homem que passa, arcado, humilde, e sério,
logo ao toque das almas.

XXV

E' esse mestre escola, ás vezes curvo e rôto,
marchando de vagar,
de que eu tanto trocei nos tempos de garôto,
e hoje me faz chorar.

XXVI

Bispo, por isso em quanto ao Rei pédes a treva,
o claustro e a mancebía,
eu celébro esse heroe que um Niagára leva
de luz maior que o Dia.

XXVII

Por isso, em quanto tú quer's dotar povos cégos
com forcas nas estradas,
eu celébro esse heroe singello que aos morcegos
faz heroicas caçadas.

XXVIII

Por isso, em quanto tu quéres os povos de rastros,
os bancos, o Rothschild,
eu defendo esse heroe que dá mais luz que os astros
no seu retiro humilde.

XXIX

Tu supplícas ao Rei o claustro e o cenobíta.
Quéres o côrvo e a gaiola.
Impétras, com fervor, a arrogancia e o jesuita.
—Eu péço o mestre escola.

XXX

Bispo, para onde váes?—Não váes para as ramudas
folhagens da Oliveira.
Váes para o torto atalho onde baloiça Judas
do esgálho da figueira.

XXXI

Bispo, para onde váes?—Não váes, na socegada
tardinha de Naim,
dar o filho á viuva—invéstes pela estrada
de Caiphás e Caim.

XXXII

Bispo, para onde váes?—Não váes para a collina
de Jesus. Váes de arrôcho
hospedar-te no hotel que se chama a *Rotina*,
e tem á porta um môcho.

XXXIII

Pois bem: visto atirar's ao mundo, ao roto, á viuva,
o teu cartel sombrio,
Bispo,—em nome da humilde—eu levanto essa luva,
e acceito o desafio.

NOTA

Abandonei Jesus Christo e transviei-me da sua doutrina por algum tempo, indignado e revoltado pelos crimes dos successores de S. Pedro. O grande apostolo fôra um varão simples, probo, humilde e recto, que fizera perdoar algumas hesitações antigas pelo seu pezar contricto e pela sua fé robusta. Os seus successores, porém, passados os primeiros séculos da Egreja, não se contentaram só em negar todo o verbo de Christo, renegaram até o proprio Simão Pedro. Hoje discrimino bem o Christo dos seus falsos apostolos e dos seus falsos vigarios.

Hoje creio que elle foi o mais puro dos filhos da terra, e é o mais alto dos filhos do Céo. Creio no seu verbo, creio na sua missão, creio na sua moral, creio na sua divina espiritualidade.

Uma falsa razão me afastou do Christo, e me fez envergonhar da minha crença n'elle. Uma razão mais clara e mais alta me approximou de novo d'elle, e me fez envergonhar da minha incrédula sabedoria e da minha fallaz sciencia sem Deus.

Cumpre, porém, esclarecer um ponto em que vejo claudicarem muitos dos seus adeptos e até mesmo muitos dos seus

vigarios mais liberaes e bem intencionados. E' o erro de se proclamar que o Christo não prégou, — por amor do seu nome e do seu verbo — a deserção da familia. Christo prégou-a. Christo considerou a necessaria para a propagação da sua palavra. Lá o diz Matheus no livro x, versiculo xxxiv, xxxv, xxxvi e xxxvii do seu Evangelho: — *Não cuideis que vim metter paz na terra; não vim metter paz, mas espada. Por que vim a separar ao homem contra seu Pae, e á filha contra sua Mãe, e á nóra contra sua sogra. E os inimigos do homem serão os seus domesticos. O que ama o Pae ou a Mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e o que ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim.*

Estas palavras explicitas devem comprehender se bem, comprehendendo-se o ideal do Christo. Christo pairava mais alto, mais superior, mais acima do egoismo das classes, das castas, das seitas, das familias, das patrias. Para elle só havia uma familia e uma unica patria: a humanidade. Este é verdadeiramente todo o ideal humano, este é verdadeiramente o ideal transcendente e excelso. Krishna, e o grande *Çakya-Muni,* na India, o bondoso e sublime Budhá, prégaram contra o egoismo de um povo macissamente formalista e mercantil, e trataram de escaqueirar e de fazer a dissolução dos ritos, das classes, e das castas. Christo foi mais longe ainda: e deu um golpe mortal na familia. E por quê?... Porque, sem isso, o despotismo da familia romana, tão ferino, absorvente, e exclusivista, que concedia a um pae a auctoridade de vida e de morte sobre o filho, e de o vender até como escravo, a seu bello prazer, não deixaria penetrar no seu seio a larga e liberal doutrina evangelica. Foi n'esta insubmissão dos filhos contra seus paes, e dos servos contra seus senhores, que a doutrina christã assentou a sua robusta pedra angular.

Sem ella, a fé não se teria propagado, e a seára de Christo não teria crescido. Sem ella, não teriam havido as conversões, as abjurações, os supplicios, a quéda dos idolos. Os filhos effectivamente revoltaram-se contra os paes, os escravos

rebellaram-se contra os seus senhores, e a grande emancipação das almas fez-se. D'esta pequena semente é que brotou a grande arvore da nossa moral alforria, e toda a actual liberdade procede d'esta insubordinação. A familia, primeiro élo da sociedade, primeiro esteio dos passos do homem na sua infancia, com o seu egoismo sentimental, subjugava-o porém demais e premia-o sob a sua despotica tutella, e, quando já na maioridade, tolhia-o muitas vezes para a autonomia espiritual. Era urgente, pois, para operar uma radical revolução como a de Christo dar-lhe um golpe fundo: o Christo deu-lh'o: a familia reagiu, mas a familia foi vencida. Foi uma das maiores revoluções do Christo, e foi uma das suas mais sangrentas victorias.

Ora, esta revoltada insubmissão comprehende-se, e era precisa mesmo, com o auctoritarismo da familia e da religião do paganismo. Mas, mal se comprehende hoje, no meio da familia christã, quando a evangelização está feita ha muito, e já não existem de pé senão os idolos catholicos. Comprehende-se no tempo dos primeiros christãos, quando os seus costumes eram puros, as intenções rectas, as vidas simples: não se comprehende hoje no meio de congregações religiosas relaxadas, de conventos prostibulos, e de um clero dissoluto, bordeleiro, e rapáce. Comprehende-se que a familia reája, e não queira que as suas filhas sejam exploradas ou prostituidas: comprehende-se bem este movimento de repulsão, em vista do descrédito dos claustros, e de se saber que elles são coios de clerical rapina, bancas de onzena, e esterquilinios. Comprehende-se, finalmente, que ella não queira que as suas candidas e impollútas virgens fujam para alcouces mysticos da *Antonia Morena* ou da *Lavradeira,*—com o Crucificado no portal.

Quanto a D. Antonio Barrozo, bispo do Porto—com a lealdade com que sempre escrevemos, e com as armas leaes com que sempre esgrimimos—devemos declarar que pessoas de toda a fé nos assegúram que elle é um convicto, um sin-

cero, um espirito generoso e puro de philanthrópo. Cá registamos.

Isto é decerto sublime: mas isto torna-o para a humanidade tanto mais suspeito e perigoso. Pedro de Arbués tambem passou por santo. Torquemáda éra um sincéro assador de carne humana; Simão de Monfort éra um homem de bem. Ravaillac éra uma *boa pessoa*.

Quanto a nós, a questão religiosa foi aggraváda pelo decreto púlha do sr. Hintze Ribeiro. Não está morta: está viva no espirito de todos. O decreto foi uma transcendental patifaria. Nós cá estamos, e asseveramos que não atirámos ainda ao lixo a penna intemeráta com que foi escripta a *Traição*. Aguardamos os successos. Esta carta póde bem ser um prefácio. Talvez muito em breve se veja o résto.

GOMES LEAL.

10082

Historia Geral dos Jesuitas

Começou a EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL, no seu intuito de desenvolver o gosto do publico pelas obras de reconhecido valor e de subida utilidade, de publicar, em edição magnificamente illustrada, a **HISTORIA GERAL DOS JESUITAS,** devida á penna do escriptor portuguez que mais proficientemente tem tractado de similhante assumpto, Lino de Assumpção. Esta obra não é um desforço de vilipendio nem um hymno de glorificação. E' uma obra de verdade. Ha mais de tres seculos que a **Companhia de Jesus** é o pesadello doentio e esmagador das consciencias, o atrophiamento do espirito liberal, o embaraço constante que todos os governos, em todos os paizes e qualquer que seja a sua fórma, têem encontrado a barrar-lhes o caminho, a minar-lhes a existencia e a enfraquecer-lhes os meios de acção, *quando se não resolvem á cumplicidade de caminharem ás* **ordens d'ella.** A sua forte organização, que faz com que todos os seus membros trabalhem sem iniciativa, á ordem de um só, que é cegamente obedecido, a habilidade com que sabem insinuar-se no seio das familias a fim de captivarem o auxilio das mulheres, a disciplina dos seus auxiliares sem sotaina, que recrutam, em todas as classes sociaes, os subsidios com que assalariam e pagam certos jornalistas, o cultivo intellectual de muitos dos seus membros, que tiram das sciencias o que lhes póde aproveitar para os seus fins, embora depois façam proclamar a *bancarrota da sciencia*, formam um conjuncto de doutrinas, factos e tendencias, que convem ser amplamente conhecido, como antidoto contra o veneno, como escudo contra os seus golpes, apezar de estes serem quasi sempre traiçoeiros e vibrados nas trevas. É de tal serviço que se incumbe a **HISTORIA GERAL DOS JESUITAS,** que sahiu á luz no momento preciso, como uma obra boa e necessaria, como um saneamento social, um preservativo contra a negra epidemia que, por desgraça, tanto já se tem alastrado entre nós. Não se escreve um libello accusatorio em que só haja, para lhe dar calor, a pompa de rhetorica; tracta-se de ligar e dar vida aos factos indiscutiveis; e d'estes sahirá a convicção de que para com o jesuita, inimigo de Christo e da sua doutrina de paz, concordia e amor, não póde nem deve haver senão defesa e exterminio.

A publicação d'esta obra, que constará de um grosso volume de cerca de 640 paginas, é feita nas seguintes condições: Cada fasciculo de 2 folhas de 8 pag. cada, a 2 columnas, in-4.º, grande formato, contendo cada fasciculo 4 magnificas gravuras, custa apenas **60 réis** pagos no acto da entrega, preço modicissimo attendendo ao altissimo valor scientifico da obra e belleza artistica da edição e numero extraordinario de illustrações. Cada tomo de 10 folhas de 8 paginas cada, contendo cada tomo grande numero de magnificas gravuras, **300 réis,** pagos tambem no acto da entrega.

Nas provincias a assignatura será sempre paga adeantadamente á razão de **300 réis cada tomo,** franco de porte.

Enviam-se os fasciculos e tomos, mediante a remessa da respectiva importancia á séde da Empreza.

Pedidos de assignaturas dirigidos:

No PORTO: a **Gualdino de Campos,** R. de D. Pedro, 116, 2.º
Em LISBOA: á séde da Empreza

LIVRARIA MODERNA — 95, RUA AUGUSTA, 95

Preço 200 réis

biblioteca municipal barcelos
60075
Carta ao Bispo do Porto